

DEM DAR UMA OLHADINHA AQUI? ASSESSORIA EM ESTIMULAÇÃO PRECOCE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Andrea Domingues Kuplich¹
Francisco Dutra dos Santos Jr.²

RESUMO

O presente artigo consiste em um relato de experiências de assessoria em estimulação precoce com bebês e crianças bem pequenas que apresentavam entraves no desenvolvimento. O convite da escola, direcionado à profissional da psicologia do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (SMED/NH), abre espaço para acolher essas demandas à luz da teoria psicanalítica. A angústia do educador se configura como uma porta de acesso para ações preventivas no âmbito escolar. As diferentes áreas do conhecimento entrelaçam seus saberes, para que os devidos encaminhamentos dos diferentes casos pudessem contemplar o desenvolvimento integral dos bebês e crianças bem pequenas. Articular a assessoria em estimulação precoce nas escolas de educação infantil, tendo como premissa o referencial teórico da psicanálise, é um potente instrumento que poderá contribuir na construção de políticas educacionais que envolvem os cuidados da primeira infância. O que decorreu dessa proposta de assessoria em educação infantil amplificou as possibilidades de práticas pedagógicas orientadas para o entrelaçamento das relações entre criança, família e escola. O convite da escola, “Vem dar uma olhadinha aqui?”, constitui-se num importante movimento no âmbito da educação que contribui de forma significativa na detecção, intervenção e prevenção dos riscos do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação infantil; Estimulação precoce; Assessoria.

1 Bacharel em Psicologia (FEEVALE) e Comunicação Social (Unisinus), Especialista em Psicopedagogia Institucional (Castelo Branco), Especialista em Estimulação Precoce e Assessoria (SOGIPA). E-mail: andreakuplich@novohamburgo.rs.gov.br, Educadora da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo, lotada no Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP SMED/NH, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

2 Pedagogo em Educação Especial – PUCRS, Mestre em Educação UFRGS, Doutorando PPGIE/UFRGS. E-mail: prof.chicosantosjr@gmail.com, Professor curso de Especialização Estimulação Precoce e Assessoria, Faculdade SOGIPA, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de experiências em assessoria que ocorrem quando os educadores de educação infantil, que atendem bebês e crianças bem pequenas, dirigem o seu pedido ao profissional da psicologia: “Vem dar uma olhadinha aqui?”

No momento em que o educador endereça o seu pedido, há nesta mensagem uma inquietação, uma angústia que precisa ser acolhida, há nessa solicitação uma demanda para uma escuta sensível. O olhar do profissional da educação produz efeitos na constituição psíquica dos seus estudantes e o psicólogo, ao atuar a partir do referencial da psicanálise, pode auxiliar neste enlace, quando há entraves no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, as autoras Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014, p. 18) afirmam que “os educadores nas creches não são apenas importantes para prover os cuidados físicos e cognitivos, mas desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento psíquico”.

O objetivo deste artigo é contribuir com ações preventivas na detecção e na intervenção diante dos riscos do desenvolvimento infantil, por meio das experiências em assessoria às escolas de educação infantil, entendendo-a como uma importante ferramenta no contexto escolar. Esta proposição de assessoria, articulada no tripé criança, família e escola, busca contrapor diagnósticos precoces e perspectivas de patologização da infância, constituindo uma aposta no enlace da criança com o educador e a família. Dentro desta perspectiva, Kupfer et al. (2016) compreende que a intervenção precoce no contexto escolar surge como retorno plausível, tanto para combater o furor diagnóstico, como para intervir precocemente logo que apareçam os sinais de risco de evolução autística. A intervenção a tempo pode ser entendida como um trabalho de prevenção, mas o que decorre dela é sempre *a posteriori*. Quando se possibilita um sujeito, infinitas são as possibilidades, e o olhar desejante que os educadores e familiares investem na criança deste *vir-a-ser* impulsionam as aprendizagens e as diferentes formas de ser e estar no mundo.

O PEDIDO DA ESCOLA E A ESCUTA DO ASSESSOR

Os desafios e demandas escolares são intensos para o educador e, dentro dessa perspectiva, por vezes, o profissional da educação sente a necessidade de compartilhar seus anseios quando percebe que há algo no desenvolvimento do bebê ou quando percebe a demanda do olhar de um especialista a uma criança pequena. O psicólogo, ao circular no ambiente escolar, não raro recebe convites para “dar uma olhadinha” em alguma criança. O endereçamento ao profissional da psicologia costuma decorrer dos aspectos instrumentais, isto é, quando a criança não caminha, não fala, não brinca, são estes os aspectos instrumentais que costumam ser identificados pelo educador e que o colocam no lugar da indagação e em busca de auxílio de especialistas e estes, por sua vez, se articulam como ferramentas das quais o sujeito se vale para efetuar intercâmbios com o meio, bem como aquiescer aos processos de desenvolvimento na construção do mundo e de si mesmo.

Se, desde o ponto de vista orgânico, a criança é saudável, muitos profissionais optam por manter uma “conduta expectante”. Esta conduta muitas vezes se apoia na concepção reducionista de que o desenvolvimento seria principalmente efeito da passagem do tempo para um organismo hígido, como se as conquistas dos bebês se desencadeassem espontaneamente por automatismos. (JERUSALINSKY, 2015, p. 107)

Quando o psicólogo, no ato de assessoria na perspectiva psicanalítica, escuta e acolhe esta mensagem, busca compreender quais são as barreiras que possam estar impedindo o desenvolvimento dos aspectos instrumentais, sejam estes referidos à psicomotricidade, linguagem, aprendizagem, hábitos da vida diária, jogos e brincadeiras ou processos de socialização. O olhar do psicólogo na assessoria dirige-se aos aspectos estruturais, que se configuram como elementos fundamentais à conquista humana: o biológico, o sujeito psíquico e o cognitivo. Imprescindível considerar que o atendimento aos bebês e crianças bem pequenas nas creches faz emergir a necessidade de compreensão a respeito dos processos de constituição psíquica, alargando a lógica pedagogizante, centrada nas capacidades e competências pré-concebidas (BARBOSA, 2018).

A constituição psíquica, dentro da visão psicanalítica, configura-se a partir do laço com o “Outro primordial”, isto é, aquele que exerce a função materna, que inscreve marcas, identificações e investimentos. O bebê passa a existir a partir do laço com o Outro primordial, podendo estar representado na figura da mãe, familiar ou cuidador. Importante ressaltar que estes agentes que participam da geografia psíquica desenvolvem uma interação fundamental no seu cuidado.

As aquisições que fazem parte das pautas do desenvolvimento de uma criança nos aspectos da linguagem, aprendizagem e psicomotricidade não são um mero efeito do crescimento e da maturação. Elas também estão atreladas à constituição psíquica da criança e, portanto, ao circuito do desejo e demanda da relação da criança com o Outro primordial – instância que sendo anterior e exterior ao sujeito, é fundamental para a sua constituição (JERUSALINSKY, 2014, p.106)

O que sustenta essa relação dos cuidadores com os bebês são os quatro eixos operadores da constituição psíquica: Suposição de Sujeito, Estabelecimento de Demanda, Alternância Presença e Ausência e Função Paterna. Este arcabouço teórico pode contribuir para o ato pedagógico, à medida que amplia o olhar do educador nos processos de subjetivação.

OPERADORES DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

O educador de educação infantil atua no tempo precoce das primeiras inscrições do psiquismo da criança, ainda que não tenha a mesma função que a materna, realiza o apoio nesse processo de subjetivação.

No processo de constituição subjetiva é importante ressaltar que não existe um momento único e nem terminável de “conclusão do ser”. Tornar-se sujeito é um processo contínuo, pois inclui uma dinâmica constante entre todas as etapas da vida e cada nova situação psíquica com a qual o indivíduo se depara ao longo da existência. Porém, existem momentos estruturantes na primeira infância [...]. Os primeiros anos de vida são assim um período crucial para o desenvolvimento e para a estruturação psíquica do sujeito (CARVALHO, 2018, p.144)

Para a psicanálise, somos seres apressados, movidos e orientados pela pressa e pela antecipação, isso causa problema e também vai constituindo o sujeito. Somente é possível instalar o sujeito se houver esta antecipação. “Cuidar de um bebê é antecipá-lo num funcionamento que por sua vez deverá ser educado” (GONÇALVES; LUNA; ALMEIDA, 2010, p. 260). O bebê, quando nasce, ainda não é um sujeito, mas sim, um sujeito assujeitado à linguagem desse Outro primordial (mãe ou aquele que assume a função materna).

Quando este agente materno de certa forma “delira” ao conversar com um bebê recém-nascido, este supõe que eles são iguais, e estas conversas produzem marcas subjetivantes, por isso, é fundamental falar com bebês. As reações fisioneurológicas são interpretadas como algo subjetivo, como por exemplo, os reflexos faciais são lidos pelo Outro primordial como um sorriso voluntário. Nesse primeiro momento, o Eu é o Outro, o bebê não se reconhece como sujeito independente, ele e a mãe são uma unidade, o bebê está alienado na relação com o Outro primordial e esta alienação inicial é necessária, para que dessa posição possa advir um sujeito. No momento em que o educador, interpretando as ações do bebê como expressão de uma vontade, por exemplo, indaga à criança, ele está supondo que ali há um sujeito que demanda suas vontades.

O estabelecimento da demanda manifesta-se em uma dupla tradução. Uma é quando o adulto interpreta o que o bebê faz e essas ações são reconhecidas pelo cuidador como uma demanda dirigida a ele. Se o bebê chora, a mãe traduz com palavras as ações. A segunda tradução é traduzir suas palavras em ação, operando também em função do efeito dessas produções que o Outro lhe dirige. O que o bebê demanda começa a ser um apelo. Alguns ouvem a manifestação e não tomam o apelo como algo para si. Esse apelo é sempre um pedido de amor, embora o bebê ainda não saiba. De uma maneira muito próxima às experiências maternas com o seu filho, a educadora também vivencia isso no cotidiano escolar.

Tão fundamental quanto estabelecer o laço entre o agente materno e o bebê (período de alienação), é que este mesmo laço se desestabeleça. É essencial para a constituição psíquica esta separação do eu-materno, para que se estruture o Eu sujeito do desejo. Quando o adulto que se ocupa do bebê indaga: “O que você quer?”, ele traduz e depois deve haver um intervalo, um espaço para a sua retirada (não fisicamente), mas um silenciamento para que a criança se vire. Se não o fizer, a criança não se organiza. O que marca uma criança não é o que ela teve, mas o que ela perdeu. O importante é haver a alternância. Laznik (2013) ressalta que a ausência conjectura uma presença original que somente toma sentido por estar relacionada ao ser olhado. A alternância entre presença e ausência abre espaço para que a criança se organize na falta e busque em si recursos para ir se estruturando. O educador, em seus cuidados com o bebê, também consegue distinguir quando ele, através da expressão de seu choro, se refere, por exemplo, a uma demanda de colo naquele momento e não de fome. Não somente interpreta o choro do bebê, como também o questiona. Quando não atende de imediato ao seu pedido, acalmando-o através da palavra, produz um intervalo para que ele gradativamente possa se organizar diante de sua demanda de acolhimento, alternando presença e ausência.

A função paterna é tudo aquilo que aparecer no laço terceiro, como uma referência terceira de alteridade, quando o processo de alienação passa para o processo

de separação. Tudo aquilo que faz um contraponto à função primordial, altera, faz uma diferença. O pai ou aquele que exerce a função paterna é o primeiro terceiro na relação com o bebê. A escola de educação infantil é o segundo terceiro estranho, a escola não cuida como a mãe cuida, ela faz diferente. Este terceiro na relação, no caso, a escola, também impede que a mãe considere seu filho como objeto, neste ponto, o corpo do Outro primordial começa a ser interdito. A singularização do filho e sua diferenciação em relação ao corpo e às palavras maternas dependem desta função.

PERCURSO METODOLÓGICO

A chegada do psicólogo no contexto escolar parte de um convite da equipe diretiva (diretor e coordenador pedagógico), uma vez que a inquietação do educador é compartilhada inicialmente na escola com esses profissionais. A escuta se inicia deste endereçamento e convite e os desdobramentos do pedido inicial vão delineando a dinâmica da assessoria em educação infantil, a partir da construção desta relação com a escola, família e o estudante. Esta forma de assessoria, articulada pelo psicólogo, é permeada pelo referencial psicanalítico, um posicionamento e comprometimento ético diante dos sujeitos envolvidos.

A título de análise, constituiu-se um percurso de pesquisa-ação, no qual a psicóloga, no ato de assessoria, toma o lugar de pesquisadora. O percurso foi definido a partir do referencial de Lara e Molina (2011), com os aspectos indicados a seguir.

As pessoas envolvidas nesta dinâmica evidenciam claramente este intercâmbio. Neste caso, principalmente o psicólogo, na interação com o estudante, a escola e a família no acolhimento da demanda. A partir desta dinâmica, o olhar e a escuta sensível do psicólogo vão delineando a demanda emergente e o objeto de pesquisa se articulará em ações e propostas na busca de soluções para cada caso de assessoria. A situação social e as diferentes demandas que dela emergem se constituem no objeto de investigação. O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação.

Os encontros do psicólogo no momento da assessoria ocorrem mensalmente, contemplando diferentes etapas. Importante salientar que o psicólogo, ao compreender cada caso, vai definindo, ao longo do trabalho, quais e em que ordem realizará os diferentes passos:

- Conversa com equipe diretiva;
- Observação da criança em sala de aula;
- Entrevista com educador;
- Entrevista com a família;
- Devolutiva para a escola e familiares: prosseguimento na assessoria ou encaminhamentos para atendimento especializado, dependendo do caso em questão.

Importante destacar que as entrevistas realizadas com educadores ou familiares podem ocorrer na presença da criança.

O psicólogo, ao realizar a assessoria em educação infantil, não faz parte da equipe diretiva da escola, pois sua função é terceira. O papel do psicólogo/psicanalista na escola, na visão de Fadel, Kupfer e Barros (2017), deveria se configurar exatamente na criação de espaços que permitam reflexões e promovam a tomada de consciência das corresponsabilidades. O psicólogo faz o movimento de entrada e saída para que, a partir de sua ação, os desdobramentos possam decorrer. Os efeitos são sempre a posteriori. A forma de intervenção nesta proposta de assessoria ocorre na cena com a criança e com aqueles que se ocupam dela (educador, pais...) e, a partir dos efeitos deste manejo, o direcionamento dos novos encontros vão se estruturando.

Essencial ressaltar que a prática da assessoria em educação infantil, neste relato de experiência, somente se tornou possível a partir da formação no curso de pós-graduação de Estimulação Precoce e Assessoria em Educação Infantil.

DISCUSSÃO

A experiência na escola produz reflexão acerca da prática em assessoria com a abordagem psicanalítica. Esta forma de interação com os educadores e a família, ao longo do processo, vai abrindo caminhos para um único destino: o da criança. Quando a escola endereça este pedido para o psicólogo, para que este “dê uma olhadinha ali”, a assessoria inicia evidenciando, neste pedido, uma demanda à necessidade desta escuta sensível. A ação do psicólogo ao realizar a visita, representada neste ato de olhar, vem amparada de conceitos psicanalíticos, porque este ato não é apenas físico ou mecânico no conceito de ver, mas está investido de um comprometimento ético ao escutar esta solicitação na busca do sujeito. “A escuta do sujeito pode integrar as práticas educativas desde o momento em que uma criança entra em uma creche. Pois, o sujeito, o desejo, o inconsciente, estão no coração da educação” (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014, p. 20).

Ao responder em ato, indo ao encontro da escola, o psicólogo, no momento da assessoria, inclina-se sobre o caso e “dá a sua olhadinha”. O olhar em assessoria é dirigido para a criança, o educador e a família, pois entende-se que o processo de subjetivação se dá na relação com o Outro. Os movimentos que se sucedem têm como propósito construir esta relação no tripé criança, família e escola, buscando caminhos para que haja possibilidades constitutivas, tanto dos atos educativos como nas práticas parentais.

Num primeiro momento, o psicólogo é visto pela escola como aquele que tem o saber sobre a criança, mas o papel do profissional da psicologia nesta proposta de assessoria é fazer uma torção neste discurso, pois tanto o educador, quanto os pais, sabem mais sobre esta criança, ainda que seja de forma inconsciente. Da Rosa (2019) postula que esta interdisciplinaridade entre a assessoria e a educação infantil permite movimentos no desejo e na prática do educador. Esse investimento libidinal é salutar para que o educador se ocupe deste aluno, fazendo este investimento e olhar de subjetivação. O educador, quando se entrega nesta relação, acolhe a criança e, dessa forma, se aproxima da família.

Assim como “o olhar da família pode ser instaurado, ou mesmo alterado, pelo olhar do médico” (LAZNIK, 1999, p. 140), pode-se pensar que o psicólogo, ao articular sua intervenção na assessoria, pode contribuir para a modificação do olhar do educador e da família quando se surpreende com as produções deste bebê, que ainda não eram por eles percebidas. Costuma ser frequente o psicólogo, no momento da assessoria, pinçar estas pequenas nuances que o estudante produz, funcionando como pistas para o desvendamento destes caminhos que levam a este encontro. As pistas são captadas pelo olhar do psicólogo que atribui a este pequeno ser a capacidade de fazer algo único e singular. Os efeitos e desdobramentos desta ação desencadeiam, na escola e na família, novos olhares.

Quando se produzem novos olhares, os familiares e a escola assumem um protagonismo e passam a investir, de forma diferenciada, um olhar dirigido para esta criança e o enlace se faz. Essa postura ativa na relação com bebê ou com a criança bem pequena acontece quando o psicólogo não está na escola. O efeito da assessoria é produzir este movimento e, por esse motivo, se articula a prática em assessoria neste modelo. Os encontros que se seguem trazem elementos que revelam anseios, conquistas, apostas e, essencialmente, investimento psíquico. A constituição psíquica se constrói nesta relação com o Outro e o assessor pode contribuir com o seu conhecimento, fazendo emergir o saber da escola e da família para que este reencontro aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do psicólogo na assessoria para a educação infantil pelo viés psicanalítico é uma aposta, uma oferta de trabalho, uma forma de intervenção para que se construam possibilidades de subjetivação através de um ato educativo. O papel do psicólogo através da escuta psicanalítica é auxiliar neste laço com o Outro, para que este Outro, seja ele o educador ou a família, “contamine” o Pequeno Outro (bebê ou a criança bem pequena) com o “vírus” da subjetivação. O objetivo é encontrar a criança e não a patologia. Jerusalinsky (2002) considera que as creches, berçários e escolas de educação infantil se configuram como importantes espaços para a prevenção primária na detecção precoce de problemas no desenvolvimento e constituição psíquica. Quando se realiza esta proposta de assessoria, há naturalmente um compartilhamento de conhecimentos que contribuem para que os educadores se familiarizem com aspectos que compõem a constituição psíquica dos bebês que, na visão da autora, caracterizar-se-iam como primeira modalidade de intervenção a ser considerada na detecção precoce.

No âmbito da educação, as escolas de educação infantil se constituem em um potente espaço de subjetivação e os educadores podem participar na geografia psíquica dos bebês quando cuidam e educam de forma integrada. “O laço que a escola permite não é sem efeitos para qualquer criança. Estar na escola cunha um traço de pertencimento fundamental ao mundo social” (GUARIDO; METZGER, 2016, p. 161). Através dos quatro pilares da constituição psíquica (suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença e ausência e função paterna), torna-se possível transpor os fundamentos teóricos não tomados pela via restrita do conhecimento acadêmico, mas efetivam-se quando este conhecimento

permeia o ato pedagógico. Esta permeabilidade produz efeitos que contribuem para o desenvolvimento psíquico para os pequenos estudantes, uma vez que estes profissionais passam a investir um olhar de singularização e recobrem de sentido o ato de ensinar.

A experiência da assessoria em educação infantil se mostrou como uma singular forma de atuação do psicólogo à luz da psicanálise para a construção de um movimento no âmbito escolar, que pode contribuir de forma significativa na detecção, intervenção e prevenção dos riscos do desenvolvimento infantil. O trabalho iniciado em assessoria sinalizou que as diferentes áreas do conhecimento, quando entrelaçam seus saberes, contribuem de forma significativa para que os encaminhamentos de bebês e crianças bem pequenas que apresentem algum impedimento no seu desenvolvimento possam ser acolhidos em suas diferentes demandas.

A partir dessa premissa, entende-se a importância da formação para os profissionais da educação. Quando o educador é convocado a olhar o estudante como sujeito único, construindo uma relação satisfatória para contribuir em sua estruturação psíquica, nos processos de subjetivação, este ofício, segundo Bernardino; Vaz; Quadros; Vaz (2008), seria um trabalho que demandaria uma implicação de desejo. As autoras, diante desta afirmação, entendem que a inclusão de conhecimentos sobre a constituição do sujeito e discussões permanentes acerca da prática educativa são essenciais.

A formação dos educadores em serviço é eficaz para modificar a relação das educadoras com as crianças e para produzir efeitos propulsores de saúde mental com os bebês. Dessa forma, pode-se dizer que os educadores de creche podem ser agentes de promoção de saúde mental. (KUPFER; BERNARDINO; YAMASHITA, 2018, p.83)

O ato de assessoria do psicólogo em educação infantil à luz da psicanálise e a formação para os educadores se constituem como importantes mecanismos que poderão contribuir de forma significativa na prevenção em saúde mental, mesmo que o principal objetivo não seja o de erradicar o sofrimento ou o surgimento de problemas psíquicos muito graves. É possível contribuir com estas ações no âmbito educacional, não adotando uma postura expectante diante desta angústia que se revela no pedido: “Vem dar uma olhadinha aqui?”

Que este artigo possa provocar no leitor não apenas uma “olhadinha”, mas quem sabe, essa “olhadinha” nesta proposta de trabalho, suscite uma mudança, contribua, auxilie, acolha esta demanda, colabore na forma de olhar o desenvolvimento infantil, ou desperte o desejo de investir, impulsionar esta possibilidade de intervenção com os bebês e crianças bem pequenas. Acreditando no potencial desta forma de intervenção em assessoria e formação para educadores, quem sabe num futuro não muito distante, este referencial possa ser articulado e contribuir na construção de políticas educacionais que envolvem os cuidados da primeira infância. Esse artigo é um primeiro passo e o que decorre dele será a *posteriori*.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Viviane Marques Alvim Campi. Os bebês e as crianças pequenas na educação infantil: do coletivo ao singular na prática educacional. *In: VOCARO, Ângela Maria Resende; SANTOS, Liliane Cristina; MARTINS, Alexandra de Oliveira (Orgs.). O bebê e o laço social: uma leitura psicanalítica.* Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2018. p. 335-352.

BERNARDINO, Mariza Fischer. et al. Análise da relação de educadoras com bebês em um centro de educação infantil a partir do protocolo IRDI. *In: LERNER, Rogério; KUPFER, Maria Cristina Machado (Orgs.). Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa.* São Paulo: Escuta, 2008. p. 207-220.

CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. Tempo para os bebês – a creche com lugar de educação e atenção global à criança. *In: ARAGÃO, Regina Orth de; ZORNIG, Silvia Abu-Jamra (Orgs.). Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê.* São Paulo: Escuta, 2018. p.143-152.

DAROSA, Dorisnei Jornada. *O educador e a assessoria EP/PI: uma intervenção psicanalítica com crianças pequenas com sinais de autismo.* Curitiba: Appris, 2019.

FADEL, Augusta Mara; KUPFER, Maria Cristina Machado; BARROS, Izabella Paiva Monteiro. Acompanhamento pais-bebê na creche por meio da educação terapêutica; um caminho alternativo para a psicanálise com bebês. *In: PARLATO-OLIVEIRA, Erika; COHEN, David (Orgs.). O bebê e o outro: seu entorno e suas interações.* São Paulo: Instituto Langage, 2015. p. 296-310.

GONÇALVES, Fernando de Menezes; LUNA, Marcelina Gonzaga de; ALMEIDA, Mayara Queiroz e Silva Ribeiro. Programa de estimulação em contexto de creche: um olhar psicanalítico. *In: BARBOSA, Denise Carvalho; PARLATO-OLIVEIRA, Erika (Orgs.). Psicanálise e clínica com bebês: sintoma, tratamento e interdisciplina na primeira infância.* São Paulo: Instituto Langage, 2010. p. 255-278.

GUARIDO, Renata; METZGER, Clarissa. Acompanhamento terapêutico e práticas inclusivas nas escolas. *In: JERUSALINSKY, Julieta (Org.). Travessias e travessuras no acompanhamento terapêutico.* Salvador/BA. Editora: Ágalma, 2016. p.151-164.

JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e bebê.* Salvador/BA: Ágalma, 2014.

_____. Julieta. Detecção precoce de sofrimento e psicopatologia na primeira infância: a desobediência dos bebês aos critérios nosográficos deve ser considerada. *In: KAMERS, Michele; MARIOTTO, Rosa Maria Marini; VOLTOLINI, Rinaldo (Orgs.). Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência.* São Paulo: Escuta, 2015. p. 103-115.

_____. Julieta. *Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês.* Salvador/BA: Ágalma, 2002.

KUPFER, Maria Cristina; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer; MARIOTTO, Rosa Maria Marini. Metodologia IRDI: uma intervenção com educadores de creche a partir da psicanálise. *In*: KUPFER, Maria Cristina; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer; MARIOTTO, Rosa Maria Marini (Orgs.). *De bebê a sujeito: a metodologia IRDI nas creches*. São Paulo: Escuta, 2014. p. 15-21.

_____, Maria Cristina; BERNARDINO, Leda Mariza Fischer; YAMASHITA, Ana Gabriela Gonzalez. Educar em tempos de autismo: uma pesquisa sobre ações de promoção e prevenção em saúde mental em instituições de educação infantil a partir da psicanálise. *In*: WANDERLEY, Daniele de Brito; GILLE, Marluce Leitgel (Orgs.). *É tarde! É tarde?: a intervenção a tempo em bebês com risco de evolução autística*. Salvador/BA: Álgama, 2018. p. 68-89.

_____, Maria Cristina. et al. Metodologia IRDI nas creches: um acompanhamento do desenvolvimento psíquico na primeira infância. *In*: KUPFER, Maria Cristina Machado; SZEJER, Myriam (Orgs.). *Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês*. 2. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2016. p. 32-40.

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. *In*: TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut; GONZAGA, Maria Teresa Claro (Orgs.). *Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas*. Maringá: Eduem, 2011. p. 121-172.

LAZNIK, Marie-Christine. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador/BA. Editora: Ágalma, 2004.

_____, Marie-Christine. Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança. *In*: WANDERLEY, Daniele de Brito (Orgs.). *Agora eu era o rei: os entraves da prematuridade*. Salvador/BA. Editora: Ágalma, 1999. p. 129-140.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. 1. ed. São Paulo: Editora Escuta, 2009. p. 135-144.